



Rádio Educativo e Tecnologias Digitais – travessias comunicacionais na educação a distância¹

Edgard Patrício

Universidade Federal do Ceará / Faculdade 7 de Setembro / ONG Catavento
Comunicação e Educação

Resumo

A possibilidade de separação física e temporal entre educadores e educandos fez surgir a necessidade de aproximação entre processos de aprendizagem na educação a distância e as tecnologias comunicacionais, com a utilização dos media. Hoje, a educação a distância é um campo fértil para a utilização das tecnologias digitais. Mas, e as ‘velhas’ tecnologias, como podem ser apropriadas nesse novo ambiente? Apoiado nos conceitos de comunicação educativa (Kaplún) e educação problematizadora (Freire), esse artigo tenta estabelecer possibilidades de coexistência entre ‘velhas’ e ‘novas’ tecnologias nos processos de educação a distância, apresentando princípios e algumas estratégias em processos educativos envolvendo simultaneamente rádio e internet.

Palavras-chave

Comunicação; Educação; Rádio; Internet

Contextualização – em busca do conhecimento

As mudanças vivenciadas, ou percebidas, pela sociedade são cada vez mais intensas, no tempo e no espaço. Se levarmos essas transformações ao mundo do trabalho, observa-se uma distância considerável entre o conhecimento praticado pelo sistema convencional de educação e as habilidades e competências requeridas pelo trabalhador. Essa distância se alarga principalmente pelo uso intensivo das tecnologias digitais nos processos produtivos. Não é à toa que as políticas públicas em educação no Brasil começam a perceber a importância do ensino tecnológico e que o ensino médio começa a se aproximar novamente da educação profissional, numa tentativa de diminuir o que separa o mundo da educação do mundo do trabalho.

As características requeridas por esse outro trabalhador –capacidade de se adaptar a situações novas, autogestão, competência para resolução de problemas, adaptabilidade, flexibilidade, desprendimento em assumir responsabilidades e desenvoltura para

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, durante o IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.



aprender por si próprio– delimitam as exigências de um sistema educacional que possa dar respostas a essas exigências. E direciona suas modalidades. Resultante desse direcionamento, a educação a distância é lembrada como modalidade de ensino capaz de satisfazer as necessidades requeridas por uma sociedade, e um trabalhador, em constante transformação. Se essas ‘novas’ características são exigidas pelo trabalhador comum, se aprofundam quando se trata do trabalhador da educação, professores e gestores.

Assim, poderíamos falar, como Martin-Barbero, que não são as tecnologias apenas que estão em transformação. Já se poderia falar que o avanço das tecnologias, e sua disseminação, condiciona o papel da sociedade como uma ‘sociedade educadora’, em que cada movimento é capaz de condicionar o modo de agir e ser do indivíduo. Esse ambiente, imergido no processo de intensa circulação da informação, em que pesem as desigualdades de acesso, criaria as bases para a reflexividade, defendida por Giddens. Ao mesmo tempo, essa percepção torna ainda mais contemporânea e atualizada a teoria de Paulo Freire, que na década de 1960 já antevia essa teia de relações perpassando a busca do conhecimento, quando afirma que os homens não aprendem sozinhos e sim em comunhão, mediatizados pelo mundo.

Tecnologias e o desenvolvimento da educação a distância – em busca do interacionismo

O desenvolvimento da educação a distância vinculado às necessidades do mundo do trabalho colocou em oposição dois de seus modelos. Não é por acaso que alguns autores (Belloni, 2003) identificam esses modelos como fordismo e pós-fordismo. Lembrando que no modelo fordista de produção a ênfase é nos processos, com a repetição à exaustão dos movimentos para que se alcance o máximo de produtividade. Prevalece a produção em série para um consumo de massa. Já no sistema pós-fordista de produção, as atenções voltam-se à demanda, o que prevalece é o ‘gosto’ do consumidor. Num momento em que os individualismos se exacerbam, os gostos tendem a se diferenciar, exigindo produtos e serviços que possam distinguir seus proprietários e usuários, necessitando de um trabalhador flexível, ‘ao gosto do freguês’.



Inserindo os conceitos dos sistemas produtivos às modalidades de ensino, na educação a distância praticada sob os preceitos do sistema fordista a ênfase é no processo de ensino, representado pela figura do tutor. Na educação a distância em que os preceitos pós-fordistas são incorporados, privilegiam-se os processos de aprendizagem, daí o estudante ser a figura central, e a importância do reconhecimento de suas condições socioculturais, suas demandas de formação e suas experiências adquiridas.

É nessa espiral de desenvolvimento da educação a distância que as tecnologias digitais são utilizadas de forma cada vez mais intensiva. Cada vez mais no sentido de aproximar o educando do processo educativo, tentando auscultar suas aspirações e demandas, bem como compreender os contextos em que está inserido. Desse modo, o conceito de ‘tecnologia educacional’ já não mais satisfaz a orientação da educação a distância em torno do educando, porquanto fortemente arraigado na importância do instrumento no processo educativo. É necessário um conceito que consiga exprimir a relação entre os mediadores do conhecimento, o conteúdo da aprendizagem e os instrumentos necessários à efetivação das trocas. Seria, então, mais coerente denominar-se esse processo de ‘comunicação educacional’ (Rocha-Trindade, 1990), reafirmando-se a aproximação entre a Comunicação e a Educação.

Essa aproximação repercutiria também na formação do profissional dedicado aos processos de educação a distância, que, na visão de Jacquinet (s/d), poderia muito bem ser um educador. Para ela, o educador seria o profissional i) que vê nos meios [de comunicação] uma maneira de representação do mundo, daí a necessidade de qualificação dessa representação; ii) que tem a compreensão que a percepção da mensagem não é um ato passivo, que carrega a possibilidade de construção do conhecimento; iii) que percebe na montagem e construção da mensagem comunicativa uma estratégia de desconstruir e reconstruir as institucionalidades dos meios; iv) que aceita um novo referencial para a relação educador-educando; v) que aceita que entrem nos espaços educativos outras modalidades de apropriação da realidade.

Nesse sentido, o conceito de mediatização ganharia relevo, reforçando sua importância nos processos de ensino-aprendizagem. Mediatizar (Belloni, 2003), na educação a distância, seria codificar a mensagem pedagógica, tendo por base o meio técnico



escolhido, as características dos aprendentes e sua acessibilidade a esses meios, dentro de objetivos pedagógicos previamente definidos, ou, conceber metodologias centradas no aprendente autônomo, seleção dos meios mais adequados e materiais e estratégias de utilização desses materiais e acompanhamento dos aprendentes. Mas o desenvolvimento das tecnologias de comunicação historicamente condicionou os processos de mediatização da educação a distância.

‘Novas’ e ‘velhas’ tecnologias – em busca da apropriação cultural

Três momentos caracterizam a presença das tecnologias comunicacionais nos processos de educação a distância. Embora em períodos distintos da história, ainda hoje esses momentos coexistem, dependendo do estágio de desenvolvimento vivenciado pela iniciativa de educação a distância. No século XIX, principalmente nos Estados Unidos da América, havia o predomínio do ensino por correspondência, alicerçado na implantação das estradas de ferro e na disseminação da imprensa. Em decorrência dessa estratégia, auferia-se autonomia total ao educando, a partir de sua separação radical do educador. Pelas dificuldades de comunicação, ocorria o determinismo dos tempos, necessariamente rigorosos para que se conseguissem os intentos determinados.

Na década de 1960, é a vez dos multimeios. Ainda continuam os impressos, mas há uma acorrida aos cursos de educação a distância que usam o rádio e o vídeo como suportes tecnológicos básicos. É o predomínio dos pacotes instrucionais, resquícios do sistema de produção fordista, para se alcançar um público de massa a partir de uma economia de escala. Os audiovisuais começam a compartilhar seu espaço com as novas máquinas, os computadores. A partir de 1990, as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) começam a se acercar da educação a distância. Programas interativos informatizados, banco de dados, e-mail e listas de discussão dominam a cena. Mais tarde, tudo isso se transforma nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) e nos ambientes hipermediáticos de aprendizagem (AHAs).

Uma das conseqüências da presença da comunicação educacional na educação a distância é a possibilidade da produção de materiais didáticos que reflitam às demandas e contextos dos educandos. E uma das estratégias usadas é a produção compartilhada



desse material didático, entre educadores e educandos, de forma relacional. Ultrapassam-se, assim, os ‘pacotes’ instrucionais e direcionistas, em que o currículo a ser ressaltado é o que está de posse da organização promotora da educação; não se encoraja a busca de outras fontes de informação; e inibe-se o questionamento, fechando-se, portanto, o espaço para a reflexividade. Uma questão a se considerar na produção de material didático para a educação a distância (Belloni, 2003) é que os produtos disponíveis no mercado de entretenimento criam um padrão de exigência que precisa ser igualado, ou superado, pelos materiais educativos que utilizam os mídia como suporte. Sem esquecer das qualidades didáticas e pedagógicas, requer-se qualidade também técnica.

Essas exigências aproximam mais ainda a necessidade de uma produção compartilhada de material didático, envolvendo educadores e educandos. E esse compartilhamento é complicado se pensarmos no modelo fordista de educação a distância. Na produção compartilhada, há a necessidade de integração entre educadores e educandos, processo inimaginável no modelo fordista, em que há uma nítida divisão de tarefas mesmo entre as equipes de produção de materiais. Para além das qualidades didáticas e pedagógicas, a produção compartilhada de materiais didáticos na educação a distância, por esse aspecto, também acabaria por reforçar as correntes interacionistas ou construtivistas dessa modalidade de ensino.

Mas, como se daria essa produção compartilhada de material didático se ocorre uma discrepância no acesso às tecnologias digitais entre educadores e educandos? Como sair-se da tecnologia educacional à comunicação educacional? Uma possibilidade poderia ser a convergência entre ‘novas’ e ‘velhas’ tecnologias.

É fato que as novas tecnologias da comunicação e informação vieram para ficar. Impensável, hoje, imaginarmos o mundo sem aparelhos celulares. Com as novas tecnologias, a produção da informação mantém um aumento vertiginoso. O problema é que o acesso e a utilização dessas novas tecnologias podem manter a desigualdade de oportunidades na sociedade, pela restrição de seu uso a alguns segmentos. Assim, surgem os ‘analfabetos tecnológicos’, que são excluídos dos inúmeros processos interativos possibilitados por essas tecnologias. Mas a inserção desses segmentos



enfrenta alguns problemas de abordagem. A princípio, a separação entre ‘novas’ e ‘velhas’ tecnologias é inócua. Essa separação se define pela utilização da tecnologia, pelo seu uso. Assim, para um adolescente urbano de classe média que já nasceu sob o cotidiano dos computadores, essa é uma ‘velha’ tecnologia, porque ‘culturalmente’ apropriada. Já para uma adolescente empobrecida da zona rural do semi-árido, em que até a luz elétrica teima em chegar, o computador é compreendido como uma ‘novíssima’ tecnologia, pois ainda distante de seu alcance. Daí o estranhamento.

Então, poderia se partir da compreensão de que quanto menos ‘estranha’ for a tecnologia, maior seu potencial educativo e de transformação social, porque maior utilização ela terá por aqueles que dela necessitam, aumentando as possibilidades do diálogo comunicante, entre educadores e educandos, pensando por Paulo Freire. Um dos equívocos cometidos pelos bem intencionados que almejam a disseminação das novas tecnologias da informação e comunicação é desconhecer que a incorporação de novos processos tecnológicos pressupõe uma apropriação cultural desses novos elementos, sua integração ao nível de compreensão de quem vai se servir deles. Essa situação acontece, por exemplo, com a introdução dos laboratórios de informática nas escolas e sua utilização pelos professores. Então, o desafio é tentar identificar nas ‘novas’ tecnologias traços identitários entre essas e seus utilizadores. Ou identificar nas ‘novas’ tecnologias traços comuns, porque uma evolução, com as ‘velhas’ tecnologias. Ou aproximar as ‘novas’ e ‘velhas’ tecnologias, em processos de utilização comuns que impregne as ‘novas’ tecnologias dos traços identitários presentes em abundância nas ‘velhas’ tecnologias, porque já apropriadas culturalmente por aqueles que já as utilizam.

Tomemos por base o que acontece na escola. A partir dessa nova percepção da aproximação entre ‘novas’ e ‘velhas’ tecnologias, a compreensão é de que a utilização das ‘novas’ tecnologias da informação e comunicação pela escola pode significar a ampliação da comunicabilidade, e as conseqüências que esse aumento também traz – implementação de novas práticas de ensino e aprendizagem, mais próximas dos interesses de crianças, adolescentes e jovens; reconhecimento mútuo entre escola e comunidade, favorecendo a vivência de uma ‘comunidade de aprendizagem’; afloramento dos conflitos, antes encobertos pela ausência de diálogo; possibilidade de



vivenciar iniciativas de aprendizagem de outros grupos, que pode ser adaptadas ao contexto local.

E como essa aproximação, entre ‘novas’ e ‘velhas’ tecnologias poderia repercutir na produção compartilhada de materiais didáticos para utilização nos processos de educação a distância? Uma experiência desenvolvida na aproximação entre rádio e internet pela organização não-governamental Catavento Comunicação e Educação pode trazer alguns elementos para essa discussão.

Sintonia Infância – em busca da apropriação cultural no interacionismo

As novas tecnologias fazem a mediação dos processos comunicativos no cenário global. E essa disseminação tecnológica está permitindo a aproximação de indivíduos e organizações em redes de compartilhamento, envolvendo conceitos e práticas. Mas, se observarmos atentamente a constituição dessas redes, tendo como suporte a inserção tecnológica, por meio da internet, veremos que o perfil dessas redes reforça grupos que já atuam de forma qualificada na construção do conhecimento. Isso por conta da disparidade do acesso a essas novas tecnologias. Daí os cuidados ao se afirmar que se adentra a uma nova era, em que a democratização da informação se dissemina.

A idéia que desenvolvemos no Catavento trabalha no sentido de estruturar redes de compartilhamento de conceitos e práticas que privilegiem indivíduos e organizações historicamente alijados do processo de construção do conhecimento. E que esse conhecimento, fruto da ação coletiva, possa ser disseminado por meio de uma comunicação educativa. Um diferencial que introduzimos na estruturação dessas redes é o desenvolvimento de processos que articulam a aproximação entre ‘novas’ e ‘velhas’ tecnologias, ou também numa aproximação entre ‘velhos’ e ‘novos’ conhecimentos. E que poderia incorporar a mesma preocupação da produção compartilhada de material didático nos processos de educação a distância, envolvendo o conceito de comunicação educacional.

Esse princípio sinaliza um duplo propósito: por um lado, fazer com que a ‘chegada’ dos participantes às redes de compartilhamento se dê de forma qualificada, porque ancorada



na auto-estima construída a partir do domínio das ‘velhas’ tecnologias, já apropriadas culturalmente, e de conhecimentos historicamente construídos pela comunidade; depois, possibilitar que a aproximação com as ‘novas’ tecnologias não estabeleça um sentimento de exclusão das ‘velhas’ tecnologias, o mesmo acontecendo na aparente dicotomia entre os ‘velhos’ e ‘novos’ conhecimentos. E que todos os saberes construídos na apropriação cultural das ‘velhas’ tecnologias, ou dos ‘velhos’ conhecimentos, não sejam esquecidos, servindo de esteio para uma relação crítica com as ‘novas’ tecnologias, ou ‘novos’ conhecimentos.

Del Bianco (2009) aponta as potencialidades do rádio na educação a distância. Pelo alcance em todos os segmentos sociais, ampla cobertura geográfica e baixo custo do aparelho e da produção, o rádio ofereceria inúmeras possibilidades para a educação a distância. A partir de Kaplún, ela elabora os usos que o rádio teve nessa modalidade de ensino, o rádio educativo. Na educação com ênfase nos conteúdos, o rádio tentaria imitar a escola tradicional, e carregaria consigo todos os problemas dela derivados, e já bastante conhecidos. A educação radiofônica com ênfase nos resultados, ou efeitos, seria referência para os conteúdos modernizantes, típicos das experiências de extensão rural. Mas Kaplún defenderia o rádio educativo com ênfase nos processos, que almejaria a transformação das pessoas e das comunidades –uma educação problematizadora. Não seria à toa que a produção de materiais didáticos de forma compartilhada emprestaria também ênfase aos processos da educação a distância de caráter interacionista.

Ele mesmo (Kaplún, 1978) enumera as características que deve ter uma produção radiofônica inserida numa proposta de educação problematizadora. Essas produções devem ter preocupação com o processo de transformação da realidade; por isso devem colaborar para que as comunidades tenham consciência dessa realidade; a partir de produções problematizadoras que partam, sempre, da situação vivencial dessas comunidades; e se são produções problematizadoras devem levar à reflexão [outra aproximação com a educação a distância de cunho interacionista]; serem mediadoras da identificação, pelas comunidades, de seus interesses e necessidades; estimulem o diálogo e a participação; e sejam instrumentos do reconhecimento do valor de cada uma das pessoas.



Podemos exemplificar essa orientação a partir da constituição da Rede de Radialistas Amigos e Amigas da Infância, iniciativa articulada pelo Catavento e que teve seus primeiros passos dados no ano de 2004. O rádio, então, torna-se central nessa discussão.

Na implantação da Rede de Radialistas Amigos e Amigas da Infância, partimos do entendimento que o rádio é uma ‘velha’ tecnologia já apropriada culturalmente, principalmente pelo povo do semi-árido, que encontrou no rádio o meio de comunicação que convivia pacificamente com seu analfabetismo. O semi-árido é compreendido, ainda, como uma região do Brasil caracterizada pelas desigualdades e iniquidades sociais. Um de seus indicadores mais emblemáticos é o número de adultos analfabetos. Daí a propensão do povo do semi-árido à oralidade, o que os aproxima (povo e rádio) a partir das matrizes culturais. O casamento entre rádio e internet possibilita a transferência identitária entre ‘velha’ e ‘nova’ tecnologia, diminuindo as possibilidades de rejeição na utilização da ‘nova’ tecnologia, porquanto estabelece ‘pontes’ de migração no manuseio de ambas. Uma vez aceitas, as ‘novas’ e ‘velhas’ tecnologias (internet e rádio) passam a dialogar. Ao mesmo tempo, as produções radiofônicas evidenciam o contexto das comunidades do semi-árido que, disponibilizadas via internet, possibilitam a estruturação de redes de controle social para transformação da realidade, indo-se além das iniciativas locais bem sucedidas mas isoladas, o que diminui seu alcance e disseminação.

O Catavento faz parte da Rede ANDI Brasil – Comunicação pelos Direitos de Crianças e Adolescentes. É uma das especificidades de atuação do Catavento nessa Rede é considerar os radialistas como atores fundamentais no processo de garantia dos direitos de crianças e adolescentes do semi-árido brasileiro. Mas a integração e articulação dos radialistas a esse propósito não poderia ser feita, pensamos, apenas produzindo conteúdos de comunicação de forma centralizada e distribuindo para que eles pudessem inserir na programação de suas emissoras de rádio –eles teriam que participar do processo de produção desses conteúdos, porque são eles que vivenciam localmente a situação enfrentada por crianças e adolescentes do semi-árido brasileiro. É essa produção de conteúdos que se aproxima da produção de material didático para a educação a distância de viés interacionista.



É com base na produção compartilhada de materiais radiofônicos que nasce a Rede de Radialistas Amigos e Amigas da Infância. A Rede se estrutura a partir de um produto concreto. É o programa Sintonia Infância, produção semanal de rádio de 30 minutos de duração.

A caminhada da Rede de Radialistas Amigos e Amigas da Infância pode ser emblemática das possibilidades de replicação das redes de compartilhamento de esforços, conhecimentos e práticas, uma estratégia que pode ser incorporada à produção compartilhada de material didático para a educação a distância. Em 2004, propomos ao Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), escritório Fortaleza, o desenvolvimento de um projeto que trabalhasse junto às famílias do semi-árido o conceito de competências familiares, centro das preocupações do Unicef àquele ano. E propomos que a melhor estratégia seria o trabalho junto aos radialistas, porque eles estão no cotidiano dessas famílias. Assim, em 2004 produzimos 28 spots de rádio, um para cada competência familiar. A produção desses spots teve participação ativa dos próprios radialistas, pois foram produzidos a partir de oficinas de formação com os radialistas. Um dos conteúdos básicos de discussão das oficinas foi quando propusemos aos radialistas que eles explicitassem o que era trabalhar com o rádio no semi-árido. Essa discussão nos deu vários subsídios para a estruturação das produções.

Esse trabalho inicial alcançou radialistas de 30 municípios do Ceará, com bons resultados, segundo avaliações do Catavento e Unicef. Em 2005, a parceria entre Catavento, Unicef e radialistas continuou, agora com a produção de um programa de rádio. Era o Conversa em Família, que tornava permanente a discussão sobre as competências familiares. A meta agora era alcançar radialistas de 50 municípios do Ceará. Consolidada a meta, iniciamos com os radialistas uma nova produção de rádio, em 2006, também com o apoio do Unicef, em paralelo com o programa Conversa em Família. Era o programa Conselhos para o Futuro, nome dado por um radialista. O programa era a concretização de um trabalho do Catavento e Unicef no apoio à formação de conselheiros da infância pelo rádio. Também começou com a participação de conselheiros de 30 municípios do Ceará.



Em 2007, vimos que as duas temáticas se aproximavam: competências familiares e o trabalho dos conselheiros da infância. Então, o ano começou com a meta de alcançar 100 municípios, e agora com um único programa de rádio. O que era Conversa em Família e Conselhos para o Futuro, programas separados, passou a ser Sintonia Infância. E outra novidade: do Ceará começamos a compartilhar a experiência com radialistas dos estados do Rio Grande do Norte e Piauí, os mesmos alcançados pelo escritório do Unicef em Fortaleza.

Em 2008, foi o ano de consolidação da disseminação da iniciativa. Acabamos o ano com a participação, nos três estados, de 360 radialistas e 260 emissoras de rádio veiculando o Sintonia Infância. Para 2009, passamos a contar com o apoio do Oi Futuro. E estamos estudando a entrada dos radialistas dos estados do Maranhão e Paraíba na Rede. Estamos conversando com os escritórios do Unicef de São Luís e Recife para viabilizar a disseminação. E com outra novidade: no Maranhão, devemos contar com a participação da ONG Matraca, também participante da Rede ANDI Brasil, como o Catavento, para articular mais de perto os radialistas do estado. A idéia é que o Catavento continue a produzir com os radialistas o programa de rádio regional e que a Matraca comece a produção de um programa local de rádio, tornando mais viva ainda a Rede.

E é a maneira de se produzir o programa de rádio que empresta o diferencial do Catavento à Rede de Radialistas, e que antevê sua aproximação com uma produção compartilhada de materiais didáticos para a educação a distância. Semanalmente, é realizada uma reunião de pauta com alguns participantes da Rede para definirmos as temáticas a serem abordadas pelo programa daquela semana. A reunião é realizada em dois horários, pela manhã e à tarde, tentando incorporar os turnos de trabalho dos radialistas. E as reuniões de pauta são feitas pelo MSN, na internet, possibilitando uma discussão horizontal das temáticas e valorizando a diversidade de experiências e de saberes dos radialistas, a partir de sua atuação local.

Definidas as temáticas e os aspectos a serem tratados pelo programa de rádio daquela semana, são distribuídas atribuições de produção das matérias para os radialistas participantes das reuniões de pauta, incluindo os profissionais do Catavento, que



também entram na rotina de produção. Produzidas as matérias pelos radialistas do interior, elas são enviadas por e-mail para a equipe de produção do Catavento. Nossa incumbência é editar as produções, vindas de vários municípios, estruturá-las numa produção de 30 minutos e redistribuir essa produção para todos os radialistas que fazem parte da Rede, que irão retransmiti-la por suas emissoras de rádio.

A partir do detalhamento da caminhada da experiência, talvez seja possível especular sobre os porquês dela experimentar uma espiral de crescimento, reforçando suas características de replicação. E esses porquês apontam para a construção coletiva do conhecimento, princípio de trabalho que embasa o funcionamento da Rede. E algumas estratégias reforçam esse princípio: valorização dos saberes tradicionais, descentralização da produção e autonomia da disseminação. A existência de um produto concreto, no caso a produção do programa de rádio Sintonia Infância, produzido pela Rede, também pode ser considerada como decisiva para manter mobilizada e articulada a Rede de Radialistas.

O envolvimento dos radialistas na mobilização e articulação da Rede vai desde a escolha do nome do programa de rádio (Sintonia Infância), produto concreto da Rede, dado por um dos radialistas participantes, até o momento da disseminação da produção, quando os radialistas se mobilizam para que as emissoras para as quais trabalham assumam o compromisso de veiculação do programa. Como os radialistas estão em contato permanente com suas comunidades, essas acabam por também participar, indiretamente, da avaliação da Rede, a partir das opiniões dirigidas ao produto produzido pela Rede.

A seqüência de atividades para a produção do Sintonia Infância pela Rede indica a participação dos radialistas. Primeiro, na definição das temáticas a serem abordadas pelo programa da semana, a partir da realização de duas reuniões de pauta, em expedientes alternados para aumentar a possibilidade de participação; depois, pela divisão de tarefas em relação à produção, de acordo com as realidades locais vivenciadas pelos radialistas; e por último na avaliação dos procedimentos para a produção e do próprio programa, realizada na reunião de pauta da semana seguinte.



Os radialistas da Rede, juntamente com os conselheiros da infância, também foram os protagonistas na definição de um portal para a internet que o Catavento está prestes a colocar no ar. O portal vai servir de espaço para uma interação permanente entre radialistas e conselheiros da infância em prol da garantia dos direitos de crianças e adolescentes. As definições para o portal foram levantadas a partir da realização de oficinas regionais entre radialistas e conselheiros. Vencida essa primeira etapa, foi desenvolvido um protótipo do portal que foi analisado por um grupo focal de radialistas e conselheiros. O intuito do grupo focal era avaliar se as definições tiradas das oficinas regionais estavam sendo respeitadas pelo protótipo, e que novos conteúdos e ferramentas poderiam ser incorporados ao portal.

Estão criadas as condições para o intercâmbio e compartilhamento de saberes e práticas entre os radialistas, ancorado na aproximação entre ‘novas’ e ‘velhas’ tecnologias, entre ‘velhos’ e ‘novos’ conhecimentos. E, quem sabe, as perspectivas para a definição de estratégias de produção compartilhada de materiais radiofônicos para a educação a distância.

Referências bibliográficas

- BELLONI, Maria Luiza. *Educação a distância*. 3. Ed. Campinas: Autores Associados, 2003;
DEL BIANCO, Nélia. Aprendizagem por rádio. In: LITTO, M.F.; FORMIGA, M.M.M. *Educação a distância – o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009;
FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988;
_____. *Medo e ousadia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992;
_____. *Pedagogia do oprimido*. 2. ed. Porto: Afrontamento, 1975;
GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich. *A modernização reflexiva - política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997;
KAPLÚN, Mário. *Producción de programas de radio – El guión – La realización*. Quito: Ciespal, 1978;
MARTÍN-BARBERO, Jesús. *La comunicación desde la educación*. Buenos Aires: Ed. Norma, 2001;
PATRÍCIO, Edgard. *Confiança e Credibilidade - encurtando as distâncias na educação pelo Rádio*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação (mimeo.). Fortaleza, 1999;
ROCHA-TRINDADE, A. *Introdução à Comunicação Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.